



Paisagismo para além da sala de aula O papel da extensão como apoio ao ensino de paisagismo

SESSÃO TEMÁTICA: PROCESSOS FORMATIVOS SOBRE A PAISAGEM

Rachel Sfair Ferreira Benzecry
Universidade Federal do Pará
E-mail: rachelsfair@ufpa.br

Karolina da Costa Fonseca
Universidade Federal do Pará
E-mail: karollina.fonseca@gmail.com

Byanka Sheyewelly Mendes Fernandes
Universidade Federal do Pará
E-mail: byankaarq@gmail.com

Arthur Queiroz Moreira
Universidade Federal do Pará
E-mail: aqueiroz42@gmail.com

RESUMO

A elaboração de projetos em arquitetura da paisagem voltados a espaços públicos contribui para o bem-estar social ao trazer mais segurança, vitalidade e inclusão em ambientes urbanos. Nesse sentido, o ensino da disciplina de paisagismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará tem se preocupado em utilizar o conhecimento teórico, conceitual e técnico, explorado em sala de aula, para dialogar com problemas sociais concretos do mundo real. Assim, este artigo tem como objetivo apresentar a relação entre o ensino do paisagismo e sua aplicação prática e social por meio do diálogo com o projeto de extensão “No pátio da minha escola é assim: o espaço de aprendizagem da arquitetura da paisagem na escola EMEIF Palmira Lins de Carvalho”, que vem sendo realizado entre 2025-2026 com o apoio da Pró Reitoria de Extensão. A natureza da pesquisa é qualitativa, focada em um único estudo de caso com análise de sua estrutura, execução e impacto, utilizando ferramentas como levantamentos de campo, entrevistas, rodas de conversa e oficinas, constatando que a experiência multidisciplinar é um instrumento pedagógico eficaz no fortalecimento do conhecimento prático e na capacitação dos discentes para o exercício projetual com responsabilidade socioambiental e cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: ensino da paisagem; extensão universitária; prática projetual; arquitetura da paisagem; pátio escolar.

ABSTRACT

The development of landscape architecture projects for public spaces contributes to social well-being by bringing greater safety, vitality, and inclusion to urban environments. In this regard, the teaching of landscape architecture at the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Pará has sought to use the theoretical, conceptual, and technical knowledge explored in the classroom to engage with concrete social problems in the real world. Thus, this article aims to present the relationship between the teaching of landscape architecture and its practical and social application through the extension project “This Is What My Schoolyard Looks Like: A Learning Space for Landscape Architecture at EMEIF Palmira Lins de Carvalho School”, carried out between 2025–2026 with the support of the Office of Extension. This qualitative research focuses on a single case study, analyzing its structure, implementation, and impact, and concludes that the multidisciplinary



experience is an effective pedagogical tool for strengthening practical knowledge and preparing students for design practice grounded in socio-environmental responsibility and citizenship.

KEYWORDS: landscape education; university extension; design practice; landscape architecture; school courtyard.

1 INTRODUÇÃO

Hoje estamos testemunhando um aumento no interesse por tudo que se enquadra no âmbito da sustentabilidade, meio ambiente e ecologia. O estudo da paisagem dentro do campo da Arquitetura e Urbanismo inserido nesta temática, desempenha um papel fundamental para a criação de espaços livres de qualidade, integrando natureza e sociedade. Quando bem projetados, contribuem para a humanização das cidades, impactando diretamente em questões como bem-estar, segurança, vitalidade urbana e inclusão social (Costa; Melo, 2024). Porém, o estudo da arquitetura da paisagem dentro da formação acadêmica do Arquiteto e Urbanista ainda é subestimado, limitando-se, muitas vezes, às disciplinas de paisagismo.

Buscando contornar essa realidade, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), tem se preocupado em explorar o conhecimento teórico, conceitual e técnico ministrado em sala de aula, para dialogar por meio de ações práticas com problemas sociais concretos. Para isso, alinha-se ao projeto de extensão “No pátio da minha escola é assim: o espaço de aprendizagem da arquitetura da paisagem na escola EMEIF Palmira Lins de Carvalho”, que vem sendo realizado entre 2025-2026 com o apoio da Pró Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará (PROEX/UFPA).

O presente artigo tem por objetivo apresentar a relação entre o ensino do paisagismo e sua aplicação prática e social por meio do diálogo com o projeto de extensão, destacando a importância dos programas extensionistas e da atuação em realidades reais para o aprimoramento do estudo para além da sala de aula, explorado por meio de uma metodologia integrada, multidisciplinar e não apenas de viés acadêmico. A natureza da pesquisa é qualitativa, focada em um único estudo de caso com análise de sua estrutura, execução e impacto.

O projeto de extensão investigado se propõe a potencializar os usos do pátio escolar e suas áreas livres na escola municipal Palmira Lins de Carvalho, por meio do paisagismo sustentável, promovendo soluções que proporcionem uma extensão da sala de aula, abrigando além do uso recreativo, uma função pedagógica, social e de educação ambiental. Por isso, no artigo serão sintetizadas etapas de diagnóstico e levantamento de campo, da produção projetual ainda em estudo preliminar e do envolvimento com a comunidade escolar, atravessando por etapas essenciais ao ensino da arquitetura da paisagem, como levantamentos técnicos, a apreensão do programa de necessidades e a criação do diagrama funcional de paisagismo.

A estruturação do artigo está dividida em quatro partes, incluindo a introdução, onde foram apresentados a importância do estudo da paisagem para a criação de espaços livres de qualidade, o objetivo da pesquisa, a metodologia utilizada e o contexto observado. Em seguida, serão discutidos o ensino da arquitetura da paisagem e a experiência extensionista como instrumento pedagógico. Após, estão descritos os desdobramentos do projeto de extensão, detalhando os procedimentos metodológicos utilizados e as etapas do projeto que foram realizadas. Por fim, apresenta-se as considerações finais,



destacando as contribuições da extensão e possíveis caminhos a serem seguidos em etapas futuras.

2 O ENSINO DE PAISAGISMO E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PRÁTICA INTEGRADORA

Houve um tempo no Brasil que a disciplina de Paisagismo tinha como foco a concepção de jardins, além de gradativamente ter seu papel minimizado em relação a outras disciplinas (Macedo, 2006). Atualmente, o ensino da disciplina na FAU/UFPA tem se preocupado em não se limitar à compreensão das espécies vegetais, ao planejamento de espaços livres, às práticas sobre o solo, a orientação solar, o clima e a sustentabilidade. A disciplina vem passando por mudanças, tal como torná-la aplicada, ou seja, usa-se o conhecimento teórico, conceitual e técnico, explorado em sala de aula, para dialogar com problemas sociais concretos do mundo real.

De maneira que, em vez da disciplina focar em conhecimentos isolados, ela tem se dedicado a aplicar os saberes da sala de aula em análises, intervenções e/ou projetos vinculados a situações reais. Tal mudança de foco e de objetos de estudo e projeto vem possibilitando, por exemplo, um maior diálogo com outras áreas do conhecimento, já que a relação entre teoria e prática acontece em meio a problemas reais, carregados de múltiplas camadas de complexidade. No entanto, para que a disciplina de paisagismo pudesse, na prática, se tornar aplicada, utilizou-se como referências os estudos de arquitetos paisagistas internacionais, nacionais e regionais, mas também um intenso contato com outras áreas de conhecimento, como a geografia, trazendo para a sala de aula as teorias de Milton Santos quanto à questão da paisagem (Santos, 1978; 1985; 1988).

Por outro lado, os projetos de extensão conectam esse conhecimento teórico, conceitual, técnico e cultural, desenvolvido em sala de aula, com a sociedade, promovendo tanto a curricularização da extensão junto aos discentes, como beneficiando a comunidade com projetos concretos que buscam interagir com as necessidades reais da sociedade. De modo que, a extensão universitária fortalece o ensino da disciplina de paisagismo a partir do momento que desloca a sua aprendizagem para além da sala de aula, permitindo que docentes, discentes e comunidade dialoguem.

Essa integração, possibilitada pelos projetos de extensão universitária, possui inúmeros pontos positivos, tais como a articulação da teoria e a prática de maneira interdisciplinar. O conhecimento produzido em sala de aula é aplicado em contextos sociais reais, ampliando significativamente a capacidade crítica dos discentes, fortalecendo o vínculo entre ensino, pesquisa e extensão (Gadotti, 2000). Assim, o ensino da disciplina de paisagismo na FAU/UFPA vem admitindo uma abordagem da arquitetura da paisagem relacionada a estudos de caso reais, vinculados ao desenvolvimento de projetos de extensão universitária, reforçando o cumprimento da função social da universidade.

3 OS DESDOBRAMENTOS DO PROJETO DE EXTENSÃO

3.1 Levantamentos métrico, fotográfico e florístico

Os levantamentos técnicos (Figura 1) foram realizados na escola Palmira Lins de Carvalho pelos alunos da disciplina, com a orientação dos docentes da FAU/UFPA, dos arquitetos

paisagistas e com o apoio da equipe pedagógica da escola. As visitas na escola ocorreram ao longo de 2025, em diferentes dias e turnos. Antes das atividades, os alunos receberam instruções sobre os cuidados necessários para o trabalho em campo, como o uso de botas, calças grossas, bonés, protetor solar e camisas de manga comprida. No decorrer das visitas, os arquitetos paisagistas auxiliaram os alunos na catalogação das espécies, explicando como identificá-las por características como tronco, raízes, folhagem e copa. As árvores foram medidas com o auxílio de trenas, a fim de garantir maior precisão no projeto paisagístico.

Figura 1: Equipe durante levantamentos técnicos



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

Além da catalogação das espécies, os estudantes foram divididos em grupos para realizar outros levantamentos, incluindo observações sobre os passeios da escola, croquis da paisagem, identificação de mobiliários existentes e registros fotográficos. Essa experiência permitiu aos alunos ampliar o olhar sobre a vegetação amazônica, reconhecendo a diversidade e a riqueza ambiental que se pode ter em um pátio escolar. Esta prática é fundamental para sensibilizar o discente, permitindo ampliar o conhecimento sobre espécies que se desenvolvem em ambiente amazônico, enxergando não só uma massa verde e marrom, mas um espaço rico de possibilidades (Benzecry *et al.*, 2024).

3.2 Criação do programa de necessidades

O programa de necessidades foi desenvolvido pelos alunos com base nas informações obtidas com os usuários. O levantamento de dados foi realizado por meio de duas ferramentas: rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas.

Essas duas ferramentas eram similares, porém as aplicações distintas permitiram alcançar múltiplas formas de respostas, sendo que as entrevistas possibilitaram um resultado mais rico para análise. A preparação da estrutura base das entrevistas foi feita pelos discentes em sala de aula, com orientação de docentes da FAU UFPA e profissionais da pedagogia. A aplicação das rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas aos alunos e profissionais da escola municipal foi realizada por pequenos grupos de universitários.

Os questionamentos presentes eram bastante concisos, com perguntas diretas que possibilitaram compreender como os alunos utilizavam o pátio escolar e suas áreas livres,

se eles estavam satisfeitos com esses espaços, se eles possuíam alguma familiaridade com jardinagem e quais suas expectativas de pátio ideal. Para os alunos, foram feitos cinco questionamentos (Quadro 1):

Quadro 1: Perguntas da entrevista aplicada aos alunos

1. O que você gosta de fazer ao ar livre, dentro da escola?
2. O que você acha que pode melhorar nas áreas de lazer na escola? Como você gostaria que fossem os espaços ao ar livre?
3. Você já mexeu com algum jardim ou tem jardim em casa? Acha que seria legal ter jardins na escola?
4. Que tipo de plantas ou hortas você gostaria de ver aqui?
5. Imagine um ambiente de estudo ao ar livre, que tem que ser um lugar tranquilo, calmo e confortável pra você. Onde você imaginaria um lugar igual esse na escola? Como ele seria?

Fonte: Autores, 2025.

Os profissionais da escola também foram entrevistados com questionamentos similares, porém com alguns ajustes para melhor se adequar ao contexto dos professores e outros colaboradores (Quadro 2):

Quadro 2: Perguntas da entrevista aplicada aos professores e colaboradores

Quadro 2.7. Perguntas da entrevista aplicada aos professores e colaboradores	
1. O que você gosta de fazer ao ar livre, dentro da escola?	
2. Como você acha que um espaço ao ar livre pode contribuir para um ensino melhor?	
3. A) Você usaria um espaço externo na didática da sua disciplina? Se sim, como? – item adaptado aos professores	B) Se você fosse morador próximo daqui, gostaria de usar os espaços livres da escola para alguma atividade com a comunidade? Se sim, como? – item voltado aos outros colaboradores
4. O que você acha da implantação de uma pequena horta na escola? Que tipo de plantas você gostaria de ver aqui?	

Fonte: Autores, 2025.

A coleta de dados foi realizada em duas idas à escola Palmira Lins de Carvalho. Durante as visitas, as equipes fizeram uma breve apresentação introdutória para os alunos, apresentando brevemente a arquitetura da paisagem e os objetivos gerais da pesquisa que estava sendo realizada, com uma comunicação simples e adaptada a faixa etária das turmas entrevistadas.

Nas rodas de conversa foram apresentadas três imagens, em ordem, para os alunos: 1) Paisagem Natural; 2) Espaço Construído; e 3) A escola Palmira Lins de Carvalho. Após mostrar as imagens, perguntamos de modo geral para a turma, o que achavam de cada uma delas, o que fariam se estivessem naquele lugar e o que sentiam ao ver cada ambiente. A partir dessas perguntas, conseguimos obter uma camada mais subjetiva de

respostas e compreender como aquelas crianças se relacionavam com aqueles ambientes.

Após, eram aplicadas as entrevistas semiestruturadas, sob duas dinâmicas distintas: nas turmas de alunos maiores, as respostas foram coletadas individualmente, enquanto em classes de faixa etária menor, as respostas eram preenchidas coletivamente por alunos da graduação distribuídos pela sala. Os professores e demais colaboradores da escola foram entrevistados em sala de aula e em outros postos de trabalho como a secretaria, portaria e refeitório. Ao todo, foram ouvidos cerca de 700 alunos, distribuídos em 22 turmas do Jardim 2 até o 9º ano do ensino fundamental, além de 25 profissionais da escola.

Após a fase de levantamento de dados ser concluída, foi iniciado o trabalho de análise e síntese das informações levantadas. Para isso, os alunos envolvidos na pesquisa organizaram os resultados por etapas: primeiro, a apresentação das imagens, catalogando as palavras associadas a cada imagem e destacando as que mais se repetiam (Quadro 3).

Quadro 3: Palavras associadas às imagens apresentadas nas rodas de conversa

RODAS DE CONVERSA NO TURNO DA MANHÃ		
Paisagem natural	Espaço construído	A Escola
Bonita; Brincar; Passear; Linda; Acampar; Divertido; Calmante; Amoroso; Limpo; Confortável; Paz; Silêncio; Harmonia; Alegria; Explorar; Meditar; Rede; Yoga;	Suja; Fedida; Horror; Não gostam; Triste; Lixo; Desconfortável; Feiura.	Bonito; Lindo; Maravilhoso; Boa; Legal; Brincar; Divertido; Muito sol; Brinquedos quebrados;
RODAS DE CONVERSA NO TURNO DA TARDE		
Paisagem natural	Espaço construído	A Escola
Calma; Agradável; Boa; Paz; Floresta; Nostalgia; Tranquilidade; Ambiente agradável; Pescar; Tomar banho; Acampar; Brincar; Nadar; Comer frutas; Cair de cima da árvore;	Desagradável; Perigo; Nojo; Tristeza; “Onde os caras roubam”; “Ser roubado”; Minha rua; Futebol; Chata; Ruim; Monte de lixo; Brincar; Perigoso; Pode cair e ralar o joelho;	Bonita; Fofa; Melhor escola da Terra; Pra estudar; Pra aprender palavras; Bacana; Legal; Um inferno; Prisão; Presídio;

Fonte: Autores, 2025.

Para a análise das entrevistas e rodas de conversa, foram mapeados os termos que mais se repetiram nas respostas dadas pelos alunos. As respostas dos alunos aos questionamentos das entrevistas (Quadro 1) foram sintetizadas em cinco nuvens de palavras, correspondentes aos itens de 1 a 5, respectivamente, demonstrando a frequência de cada palavra na resposta dos alunos, de modo que, quanto maior o tamanho da palavra na nuvem, mais vezes ele apareceu entre as respostas obtidas (Figura 2).

Figura 2: Nuvens de palavras associadas aos questionamentos das entrevistas



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

A partir da análise dos resultados obtidos com as rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas, em diálogo com os levantamentos in loco, o grupo de alunos pesquisadores se reuniu para definir quais os principais problemas e expectativas, a fim de delimitar quais estratégias seriam possíveis de serem adotadas para uma intervenção. Em síntese, as seguintes necessidades foram estabelecidas: Bicicletário; Área de leitura; Áreas de convivência; Áreas multiuso: coberta e descoberta, viabilizando usos recreativos, pedagógicos, sociais e de educação ambiental; Áreas de recreação: destinadas a brincadeiras para crianças menores e crianças maiores.

3.3 Visita dos profissionais em sala de aula

Após o levantamento arquitetônico e florístico realizado na escola, foram promovidos encontros com arquitetos paisagistas, engenheiros florestais e uma pedagoga. O objetivo foi de orientar as escolhas projetuais dos discentes, atendendo à demanda dos alunos que relataram a falta de contato direto com especialistas da área paisagística, o que gerava certo distanciamento entre a prática profissional e o ambiente acadêmico. Para aproximar esses universos, os profissionais foram convidados a participar das aulas de paisagismo, apresentando seus processos de concepção e explicando, de forma técnica, os critérios de seleção de espécies e as soluções projetuais adotadas. O envolvimento de uma profissional da pedagogia, enriqueceu esses momentos de troca de conhecimento em sala de aula, pois trouxe novas perspectivas que balizaram as decisões projetuais. Durante as atividades (Figura 3), foi impressa uma planta baixa da escola e, a partir dela, alunos e profissionais trabalharam conjuntamente utilizando lápis, pincéis, tintas e canetinhas, o que possibilitou visualizar e discutir as decisões de projeto de maneira colaborativa, fortalecendo o diálogo entre a academia e os profissionais atuantes no mercado.

Figura 3: Aulas de concepção projetual com profissionais inseridos no mercado de trabalho



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.



A concepção inicial para o projeto paisagístico combinou a percepção dos alunos e profissionais a partir das visitas realizadas à escola e as discussões em sala de aula, culminando em um estudo preocupado com as necessidades e potencialidades do espaço. Durante esse processo participativo, foram propostas ações como o plantio de um jameiro na frente da lanchonete, a criação de manchas vegetais com espécies de sub-bosque para proteger as raízes expostas e o plantio de árvores próximas ao coreto, garantindo sombra e conforto térmico. Pensou-se também em transformar áreas pouco utilizadas, como a “área morta” junto ao muro, em um jardim de frutíferas com espécies de pequeno porte, além da instalação de uma composteira e de um miniviveiro de mudas, fortalecendo o caráter educativo do projeto.

Outras propostas incluem a criação de caramanchões floridos, espaços para jogos ao ar livre, cercas vivas com ixoras e filodendros, arte feita pelos alunos nos muros, e o reaproveitamento de materiais, como o uso da madeira de um eucalipto em declínio para bancos e mesas. Assim, as soluções apresentadas refletem o olhar coletivo e criativo dos estudantes, aliado ao conhecimento técnico dos profissionais, resultando em um projeto que une sustentabilidade, convivência e aprendizado.

3.4 Diagrama funcional e início do projeto em arquitetura da paisagem

O projeto foi desenvolvido com o objetivo de expandir o aprendizado para além da sala de aula, destacando a importância dos pátios escolares e suas áreas livres como peças fundamentais para as dinâmicas pedagógicas no ambiente educacional. Além disso, por meio da escolha criteriosa das espécies vegetais, busca-se aproximar as crianças das plantas nativas e exóticas que se desenvolvem na Amazônia Brasileira, contribuindo para a conscientização ambiental e evitando a chamada “cegueira botânica”¹, ao proporcionar um espaço rico em diversidade de espécies.

Após as visitas de campo, a análise dos espaços da escola, o diálogo com a comunidade escolar e as recomendações dos profissionais, se iniciou o processo projetual. A concepção do projeto teve início a partir da elaboração de um diagrama funcional (Figura 4), que orientou a distribuição dos espaços de acordo com os objetivos pedagógicos e socioambientais, atendendo a necessidades como leitura, práticas esportivas, meditação, recreação, educação ambiental e socialização.

¹ O conceito de “cegueira botânica”, formulado por Wandersee e Schussler, descreve um conjunto de dificuldades comuns na relação das pessoas com o mundo vegetal. Ele se refere, primeiro, ao fato de muitos não perceberem o papel essencial das plantas para a vida no planeta e para o nosso próprio cotidiano. Além disso, aponta como frequentemente deixamos de notar as particularidades estéticas, funcionais e biológicas das espécies vegetais, o que acaba diminuindo ainda mais a atenção e o interesse dedicados a elas (Costa; Santos; Silva, 2025).

Figura 4: Diagrama funcional do projeto paisagístico



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

Optou-se por segmentar a escola definindo, nesse momento, 14 subespaços a serem desenvolvidos por alunos das turmas de paisagismo, em nível de anteprojeto, dividindo nove categorias distintas (Quadro 4): 1) Horta e compostagem; 2) Área de plantio; 3) Pomar, leitura e convivência; 4) Bicicletário; 5) Área multiuso coberta; 6) Área multiuso descoberta; 7) Área de recreação para crianças menores; 8) Área de recreação para crianças maiores; e 9) Áreas de convivência.

Quadro 4: Subespaços desenvolvidos pelos alunos das turmas de paisagismo

SUBESPAÇOS	DESCRIÇÃO
Horta / Compostagem	Espaços voltados à sustentabilidade, contribuindo para a alimentação escolar e educação ambiental;
Áreas de plantio	Reservadas para cultivo de novas espécies, ampliando a biodiversidade da escola;
Pomar / Leitura / Convivência	Espaço arborizado e com espécies frutíferas, incentivando o contato com a natureza e atividades de leitura;
Bicicletário	Criado para atender à demanda dos alunos que utilizam bicicletas, incentivando a mobilidade sustentável;
Área multiuso coberta	Com palco e assentos, permite apresentações, eventos e atividades culturais aproximando a comunidade do entorno para dentro do espaço educacional;
Área multiuso descoberta	Destinada a aulas ao ar livre, debates e encontros;
Área de recreação para crianças menores	Inclui brinquedos adaptados e um espaço de meditação sob uma árvore existente, destinados para crianças da educação infantil;
Área de recreação para crianças maiores	Principal ponto de encontro dos alunos, com playground, áreas livres para brincadeiras, descanso e um campo esportivo ao ar livre;
Áreas de convivência	Equipadas com mobiliário para lanches, jogos de tabuleiro e interação social, com sombreamento.

Fonte: Autores, 2025.

3.5 Oficinas de educação ambiental

Durante a execução do projeto de extensão, optou-se por realizar oficinas como ferramenta imersiva de aprendizagem. Essa experiência permitiu uma articulação entre teoria e prática, em um ambiente que possibilitou uma troca significativa entre alunos e professores da rede municipal e da universidade. Até o desenvolvimento do presente artigo, foram realizadas cinco oficinas na vivência do projeto de extensão: 1) Oficina de desenho e aquarela botânicos; 2) Oficina muro vivo; 3) Oficina de plantio de espécies; 4) Oficina plantas que falam; e 5) Oficina arte animal.

Tais ações trouxeram reflexões sobre questões relacionadas ao meio ambiente, utilizando das artes plásticas e da engenharia florestal como ferramentas para o ensino da arquitetura da paisagem. As oficinas buscaram a valorização da paisagem amazônica pelos usuários da escola e pelos alunos universitários, e contribuíram para fortalecer o vínculo entre os envolvidos, além de atender a demandas que surgiram ao longo do projeto de extensão.

Para expor as atividades realizadas, foi desenvolvido um quadro síntese (Quadro 5), que expõe uma breve descrição de cada oficina, os participantes e quais atividades foram desenvolvidas.

Quadro 5: Síntese das oficinas artísticas e de educação ambiental

OFICINA	DESCRIÇÃO	PARTICIPANTES	ATIVIDADES
Desenho e aquarela botânicos	Prática artística realizada em sala de aula para a produção de desenhos e pinturas pelos alunos do 6º e 7º ano, utilizando de stencils, tintas e aquarelas.	Alunos da rede municipal e universitários	Preparação na FAU e oficinas na escola municipal
Muro vivo	Prática artística realizada no pátio da escola, para a pintura de um mural colaborativo pelos alunos e professores da escola e da universidade.	Alunos da rede municipal e universitários	Preparação na FAU e oficinas na escola municipal
Plantio de espécies	Prática de manuseio e plantio de espécies amazônicas ministrada por engenheiro florestal para realizar o plantio de mudas doadas à escola municipal.	Alunos da rede municipal e universitários	Oficina na escola municipal
Plantas que falam	Oficina interna voltada à elaboração gráfica de placas para identificação de algumas das espécies vegetais presentes nas áreas livres da escola.	Universitários	Oficinas no Ateliê da FAU
Arte animal	Oficina interna voltada à elaboração gráfica de “estampas” para os bancos da escola, seguindo a temática de espécies amazônicas como a arara azul, onça pintada, jabuti, pirarucu, cobra coral e tucano.	Universitários	Oficinas no Ateliê da FAU

Fonte: Autores, 2025.

As três primeiras oficinas foram estruturadas com a coordenação pedagógica da escola (Figura 5), enquanto as últimas foram voltadas aos alunos da graduação. Antes da realização das duas primeiras oficinas na escola, houveram encontros na FAU/UFGA para capacitar os alunos da graduação, pois eles auxiliaram as crianças durante essas oficinas. Na terceira oficina, os discentes da disciplina de paisagismo foram instruídos a acompanhar os alunos da rede municipal em pequenos grupos orientados pelo engenheiro florestal durante o plantio de mudas. As duas últimas oficinas foram voltadas ao desenvolvimento de materiais gráficos pelos alunos da graduação (Figura 6 e 7).

Figura 5: Fotos das oficinas realizadas com as crianças da escola



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

Figura 6: Placas de identificação da Samaumeira, Costela de Adão, Cacaueiro e Açaizeiro



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

Figura 7: Estampas gráficas para a pintura dos bancos da escola



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.



Durante as oficinas os estudantes foram colocados no centro do processo pedagógico. A experimentação e a prática proporcionaram o aprendizado de temas sensíveis ao ensino da arquitetura da paisagem, com o incentivo à criatividade, comunicação e pensamento crítico. O ensino colaborativo enriqueceu o processo formativo e o repertório dos envolvidos ao promover um ambiente para troca de experiências e percepções. Essa metodologia integrada incentivou que os alunos se reconhecessem como agentes transformadores do meio, instigando reflexões sobre a importância social do arquiteto e urbanista e do projeto de arquitetura da paisagem. Ao mesmo tempo, as oficinas trouxeram para os alunos da escola Palmira Lins de Carvalho um incentivo ao reconhecimento da natureza ao seu redor, fortalecendo o vínculo afetivo com seus pátios e suas áreas livres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que ao promover o conhecimento em arquitetura da paisagem que transcende a teoria de sala de aula por meio de um projeto de extensão universitário, os discentes são capacitados com competências projetuais e, também, com responsabilidade socioambiental necessária para o enfrentamento de desafios da paisagem urbana. Assim, a realização do projeto de extensão na escola Palmira Lins de Carvalho evidenciou como o ensino de paisagismo se torna mais potente quando dialoga diretamente com a realidade. Ao sair da sala de aula e mergulhar nas vivências escolares, os estudantes puderam reconhecer que a arquitetura da paisagem não é apenas um conjunto de métodos e técnicas, mas uma prática sensível que envolve escuta, observação e cuidado. As etapas de diagnóstico e levantamento de campo e as oficinas revelaram a importância de olhar o espaço a partir das experiências de quem o utiliza diariamente, especialmente em um contexto amazônico diverso, marcado por desafios socioambientais.

O desenvolvimento das oficinas e o contato direto com crianças, professores, profissionais da escola e especialistas contribuíram para ampliar a compreensão dos discentes sobre o papel social do arquiteto e urbanista. A experimentação, a troca de saberes e o trabalho colaborativo mostraram que projetar espaços livres é também construir relações, fortalecer vínculos e estimular uma educação que reconhece a natureza como parte essencial do processo formativo. Essa vivência aproximou teoria e prática de forma equilibrada, incentivando os alunos a perceberem que as soluções projetuais ganham sentido quando respondem às necessidades reais da comunidade.

Portanto, os resultados alcançados reforçam que a extensão universitária não apenas enriquece o ensino do paisagismo, como também contribui para a formação de profissionais mais sensíveis, críticos e conscientes de seu papel na construção de ambientes inclusivos e sustentáveis. O ensino da arquitetura da paisagem e a prática extensionista demonstram que, quando realizados em parceria com a sociedade, deixam de ser um exercício abstrato para se tornarem instrumentos de transformação. Assim, a experiência na escola reafirma a importância de manter e expandir ações que integrem universidade e comunidade, garantindo que o aprendizado continue vivo, atuante e socialmente comprometido.

REFERÊNCIAS

BENZECRY, Rachel Sfair Ferreira; MOREIRA, Arthur Queiroz; SANTOS, Rafaela Silva dos; FERREIRA, Sebastião Gabriel Guimarães. Da ordem da natureza ao retorno às paisagens amazônicas oficina de arquitetura da paisagem como estratégia de ensino-aprendizagem do processo de projeto. **Anais do 7º Congresso Internacional de Arquitetura da Paisagem**. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/107796>>. Acesso em: 17 nov. 2025.

COSTA, Danielle Yara da; SANTOS, João Pedro Corrêa; SILVA, Lucas Gabriel Pinheiro. Pontos vulneráveis de ilhas de calor urbanas: uma análise para o município de Castanhal – PA. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, Tupã, v. 8, n. 67, p. 148–169, 2020. DOI: 10.17271/2318847286720202395. disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/xQNBfh3N6bdZ6JKfyGyCffQ/?lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2025.

COSTA SCHERER, L.; DE MELO FERREIRA, A. E. A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS VERDES NAS URBES E SUAS FUNCIONALIDADES SOCIOECONÔMICAS E AMBIENTAIS. **Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu**, [S. l.], v. 1, n. 7, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/rescx/article/view/7602>. Acesso em: 1 dez. 2025.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Compromisso**, 1995, 5ª edição, Campinas, SP, Ed. Papirus.

MACEDO, Silvio Soares. O ensino de paisagismo na FAUUSP e a figura de Miranda Magnoli. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, n. 21, p. 43–54, 2006. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i21p43-54. Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/40237>. Acesso em: 21 nov. 2025.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. (Coleção Espaços).

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.